

DISCURSO CULTURAL E COMPLEXIDADE EM MORIN E CONTRERA

Cultural Discourse and Complexity in Morin and Contrera

Recibido: 22 de Enero 2014
Aprobado: 02 de Mayo 2014

Sueli Ferreira Schiavo

Universidade Paulista - UNIP

Brasil

suelischiavo@gmail.com



Graduada e licenciada em Psicologia, mestre e doutoranda em Comunicação, atua como psicóloga CRP 06/4327 e hipnoterapeuta. O projeto de doutorado está relacionado à pesquisa sobre colonização do imaginário, o entendimento dos reflexos no comportamento principalmente no caso de crianças hiperepostas às imagens técnicas da mídia eletrônica. Tem se pautado pela atenção às políticas públicas e aos direitos humanos. Esteve como Conselheira em duas gestões do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (2004-7 e 2007-10), e dos Conselhos Municipais de Saúde, de Assistência Social e de Gestão Ambiental da cidade de Santo André-SP. Tem colaborado com o Sistema Conselhos de Psicologia e com a Associação Brasileira do Ensino de Psicologia.

Resumen

Este texto comienza con un análisis de una escena de la película “Los Lunes al Sol” del director español Fernando León de Aranoa, con el objetivo de hacer una reflexión sobre la cultura en el concepto de la noosfera y mediasfera. Se basa en la opinión de los autores Edgar Morin y Malena Segura Contrera, quienes analizan la pérdida de la función simbólica y significados; observan la situación de fragmentación social y la necesidad de recursos teóricos para la comprensión de la complejidad de los fenómenos contemporáneos; y consideran la importancia de usar una propuesta alternativa al modelo cartesiano.

Esta es una revisión de la literatura y la investigación documental, de lo particular a lo general.

Palabras clave: noosfera, mediaesfera, cultura, complejidad, función simbólica.

Abstract

This text begins with an analysis of a scene from the movie “*Los Lunes al Sol*”, of the spanish director Fernando León de Aranoa, with the objective of a reflection on culture within the concepts of noosphere and mediasphere. It is based on the authors' view Edgar Morin e Malena Segura Contrera, among others. It analyses the loss of symbolic function and meanings. Observes the situation of social fragmentation and the need for theoretical resources for understanding the complexity of the phenomena in contemporary. Considers the importance of using an alternative proposal to the Cartesian model. This is a literature review and documentary research, the particular to the general.

Keywords: noosphere, mediasphere, culture, complexity, symbolic function.

Introdução

A forma como se promove o acultramento desde a infância e a função social em que se constitui esse ordenamento de sentidos e significados contribui para a estruturação de uma visão de mundo. Em momentos de crise, suscitar um novo olhar sobre a situação implica a necessidade de repensá-la, para isso é importante um outro entendimento de como está sendo percebida diferente do senso comum. Como se fosse apenas "normal", a leitura de um conto pode estar transmitindo um modo que parece estabelecido sobre as coisas, como uma verdade instituída. Este texto exemplifica um contexto narrativo, em que uma determinada atitude de um personagem se coloca como um contraponto perceptivo. Permite refletir sobre a importância de se contextualizar e analisar argumentações para abertura de outras possibilidades.

Em uma determinada cena¹ do filme “Segunda-feira ao sol”, do diretor espanhol Fernando León de Aranoa, há um personagem adulto e uma criança. O personagem adulto, caracterizado pelo ator Javier Bardem, faz a leitura da fábula infantil *A Cigarra e a Formiga*. A criança está deitada, preparada para dormir e ouve atentamente essa leitura. Na medida em que lê, o personagem demonstra uma total discordância com o conteúdo. Ele se irrita com a caracterização do comportamento da formiga que não compartilha o resultado de seu trabalho. A capacidade de se indignar desse personagem chama a atenção. Essa “estorinha” poderia ser lida para qualquer criança podendo parecer a única expressão da verdade.

Atribuída ao escritor Esopo da Grécia Antiga que teria influenciado as ideias de La Fontaine, na fábula a formiga trabalha e guarda o excedente de alimentos para o inverno. A cigarra é caracterizada por seu canto e comportamento narrados como algo que acontece despreocupado com o futuro. Contada de diferentes formas, a base principal que a fábula propõe é que a cigarra irá pedir alimentos à formiga no inverno e que não haverá o compartilhamento dos recursos que foram acumulados.

2. A narrativa

No contexto da história desse filme, o personagem que faz a leitura é um ex-estivador. Vive uma situação pessoal de desemprego circunstanciada por um quadro de crise política,

1 Essa cena citada está disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=WiAy211JndI> >. Acessado em 30.11.2013.

econômica e social de sua litorânea região geográfica. Tem sonhos como o de se mudar para outro país com melhores condições para o trabalho, mas não os coloca em prática. Ocupa-se de acompanhar as diversas tentativas de recolocação de seus ex-colegas. No bar onde se encontram compartilham superficialmente suas dificuldades frente aos desafios pelos quais estão passando. Frequentemente durante essas conversas programas de entretenimento, transmitidos em um canal de televisão que está ligada, interrompem o raciocínio. O desenrolar do drama desse personagem demonstra que ele tem uma percepção dos processos que os afligem. Porém, apesar das experiências acumuladas e da capacidade produtiva, nem ele nem seus ex-colegas se encontram empoderados para ações de mudança.

O filme traz a crítica social embutida na indignação. Evidencia a complexidade do fenômeno que inclui questões, culturais, psicológicas, econômicas e políticas. Para refletir a esse respeito, este texto se fundamenta na visão sobre o conceito de Noosfera de Edgar Morin e de Mediosfera de Malena Segura Contrera. Busca analisar a participação dos diferentes meios de comunicação na influência das subjetividades, crenças e valores que fazem parte do conceito de imaginário que será tratado.

O objetivo é entender como a cultura e o conhecimento estão intrinsecamente associados em nossas ações no mundo. Para a complexidade com que os fenômenos se apresentam é necessário observar os sentidos e significados. Explica Morin (1992), “o cérebro humano necessita das condições socioculturais para se atualizar, as quais necessitam das atitudes do espírito humano para se organizar”. (p. 112) Segundo esse autor, há uma intrincada conjunção entre o que é cultura e o que está no ambiente social. Isso também implica no conhecimento “o menor conhecimento comporta componentes biológicos, culturais, cerebrais, sociais, históricos”. (p. 112) Essa conjunção de conteúdos também representa um desafio metodológico. Trata-se de uma alternativa ao pensamento cartesiano que é baseado na razão e separa, cria o dualismo mente e corpo.

Esclarece Morin (1992) que a cultura é um “megaordenador complexo”, define padrões éticos, “prescreve as normas práticas”. Para ele “o conhecimento pode ser legitimamente concebido como o produto de interações bio-antropo-socio-culturais”. Isto está para além daquilo que a visão cartesiana faz entre matéria e mente. Essa visão integrativa do humano corresponde a um outro método de pensar a existência. Abarca diferentes esferas da vida e as apresenta de uma forma conjunta e interconectada. Em *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, Morin

(2000) reforça a necessidade daquilo que precisa ser ensinado ao homem para prepará-lo para enfrentar as incertezas e a condição humana. A educação tem papel relevante, pode contribuir para obter a compreensão, no momento em que ensina a questionar diferentemente de agir no sentido de amoldar e conformar. Nesse sentido a comunicação é fundamental, está presente em todos os processos da vida humana. Em uma forma de entender a fragmentação a que se está sujeito, esclarece Morin (1992),

No atual estado de organização dos conhecimentos, não pode reflexionar sobre si mesmo já que: 1) o cérebro do que procede é estudado nos departamentos de neurociências; 2) o espírito que o constitui é estudado nos departamentos de psicologia; 3) a cultura da qual depende é estudada nos departamentos de sociologia; 4) a lógica que o controla é estudada no departamento de filosofia; 5) esses departamentos são institucionalmente não comunicantes. (p. 73)

Essa visão crítica sobre a compartimentalização dos conhecimentos se constitui como desafio a ser enfrentado pela humanidade. Voltando à cena do filme a leitura da fábula é uma forma de acultramento. Não se espera uma indignação como a apresentada, isso representa um pensamento diferenciado. O modelo contemporâneo de sociedade é estruturado na acumulação e na competição e pouco é designado ao compartilhamento. Há uma fragmentação social em indivíduos, seres divididos e isolados em pequenos núcleos familiares. A visão de coletivo e de comunidade é restrita, limitada e geralmente deturpada. Nesse fragmento do filme fica ilustrado um comportamento não correspondente ao esperado na regra geral. Reflete a indignação ao choque cultural que promove a divisão e o isolamento das pessoas, e os conceitos de bem e mal, certo e errado. Pela forma que acontece a reação encenada do personagem fica nítida a contrariedade ao aprisionamento, condição à que está sendo submetido. Não só esse personagem está sendo aculturado pela vivência de seu drama pessoal, mas a proposta crítica é que ele também subverte o personagem da criança. Se fizesse simplesmente uma leitura desatenta isso implicaria na concordância com os padrões culturais. Dessa forma está sendo questionada a pseudos "ingenuidade" da fábula. Leva a pensar sobre os diferentes tipos de papéis desempenhados em sociedade, o canto, a música, o trabalho, as questões ambientais, a visão de comunidade, o compartilhamento de recursos, entre outras. Tudo isso faz parte da cultura e está fragmentado de modo a receber menor importância.

O conceito de cultura, segundo Morin (1992), se constitui de um conjunto formado pela “tradição, educação, linguagem”. Diz respeito tanto ao que envolve as construções do indivíduo e a dos diferentes coletivos e comunidades, permeia todas as esferas humanas, não depende da “pura subjetividade”. Morin (1992) entende que há mão dupla, a simples transmissão do conhecimento tanto condiciona como é condicionada pela cultura. Poderia-se perguntar como uma pessoa com visão crítica procederia na leitura da fábula *A Cigarra e da Formiga* para uma criança antes dormir. Sobre como isso acontece na esfera social é o que reflete o conceito de noosfera.

3. Noosfera

Esse jeito contemporâneo como construímos a noção e tecemos os conhecimentos em termos do que seja mundo, foi associado ao conceito de noosfera² no início do século XX, conforme explica Morin (1992),

Popper³ já havia dividido o universo em 3 mundos: 1. o mundo das coisas materiais; 2. o mundo das experiências vividas; 3. e o mundo constituído das coisas do espírito, produtos culturais, linguagens, noções, teorias, e também os conhecimentos científicos. De fato, se trata de uma noosfera, segundo o termo que Teilhard de Chardin⁴ forjara nos anos 20. (p. 112)

O termo noosfera está relacionado com outros substantivos que também representam grandes e importantes dimensões para a vida humana. Como por exemplo a atmosfera, camada de gases que envolve a terra. Ela é primordial. Essa camada tem uma massa que não é visível e é constituída por outras diferentes sub camadas. Como exerce pressão, isso a levou também a ser uma unidade de medida. Outro caso é a biosfera ou ecosfera, que representa a camada que circunda a região da crosta terrestre, onde estão os diferentes ecossistemas e onde são encontrados os seres vivos. A luz, a água, os ventos, a terra, entre outros, fazem parte dessa dimensão. No caso da noosfera, trata-se da dimensão em que se encontram a linguagem, a lógica, a mitologia. É o espaço dos pensamentos, das ideias, dos sonhos, das imagens, dos arquétipos. Para Morin (1992) “uma noologia considera as coisas do espírito como entidades objetivas”. (p. 115) Essa dimensão habita e circunda a existência humana. Está permeada pela linguagem.

2 Noologia = psicologia – noosfera se relaciona com o que é do campo do psíquico.

3 Karl Popper (1902-1994), filósofo nascido na Áustria e naturalizado britânico. (nota desta autora)

4 Teilhard de Chardin (1881-1955), teólogo, filósofo francês. (nota desta autora)

Para Frege⁵ os pensamentos não são nem coisas do mundo exterior, nem representações internas, constituem outra natureza da realidade. Para Desanti⁶ (1968), as "idealidades" tem uma realidade que atua e em certa medida substitui o real. Jacques Schlanger⁷ (1978a), por sua parte, se aventurou mais: Os objetos "ideais" que são os conceitos e as teorias são algo mais que objetos dotados de uma realidade objetiva. (p. 111)

A linguagem que é fundamental para a comunicação humana, habita o imaginário que se constitui parte da noosfera. Para Vygotsky (2008) “a concepção do significado das palavras como unidade simultânea do pensamento generalizante e do intercâmbio social é de um valor incalculável”. Para Saussure (1966) “sem a linguagem o pensamento é uma vaga nebulosa”. (p. 112) Linguagem e pensamento se constituem no imaginário, representam a noção que fazemos em nossa subjetividade, influencia a visão de como são entendidas as coisas no mundo.

Gilbert Duran (1993) esclarece que, “sempre reinou uma extrema confusão na utilização dos termos relativos ao imaginário. Talvez seja necessário pressupor que tal estado de coisas provém da extrema valorização que sofreu a imaginação, a "phantasia", no pensamento do Ocidente e da Antiguidade clássica”. (p. 7) Com relação à importância da linguagem, conforme Kamper (2002) “Na linguagem da aspiração se encontra a aspiração da linguagem, um alfabeto fantástico. [...] É necessário, portanto deixar fazer e silabar o que dizem. No fim da história do espírito tudo depende das letras”. (p. 6) Esses autores reforçam a questões do léxico, semântico e morfológico da linguagem na comunicação humana que se constitui pela geração de vínculos.

Duran (1993) também explica a relação simbólica,

<<Imagem>>, <<signo>>, <<alegoria>>, <<simbolo>>, <<emblema>>, <<parábola>>, <<mito>>, <<figura>>, <<ícone>>, etc., são utilizados indiferentemente pela maior parte dos autores. A consciência dispõe de duas maneiras para representar o mundo. Uma *directa*, na qual a própria coisa parece estar presente no espírito, como na percepção ou na simples sensação. A outra *indirecta* quando, por esta ou por aquela razão, a coisa não pode apresentar-se em <<carne e osso>> à sensibilidade, como por exemplo na recordação da nossa infância, na imaginação das paisagens do planeta Marte, na compreensão da dança

5 Friedrich Frege (1848-1925), filósofo alemão, matemático. (nota desta autora)

6 Jean-Toussaint Desanti (1914-2002) filósofo francês, estudioso da matemática. (nota desta autora)

7 Jacques Schlanger, filósofo nascido na Alemanha. (nota desta autora)

dos electrões em torno do núcleo atômico ou na representação de um além morte. Em todos estes casos de consciência indirecta, o objecto ausente é *re-presentado* na consciência por uma *imagem*, no sentido muito lato do termo. (p. 7)

Essas concepções participam do conjunto emaranhado em se encontram os significados que integram a noosfera, quão amplo se constituem. Essa dimensão que Morin (1992) constrói em sua teoria tem as características simbólicas e transmitem a ideia da complexidade que representa o entendimento dos fenômenos sociais. A consciência da morte torna o homem vulnerável. O uso das técnicas auxiliam o homem a lidar com a natureza para sobreviver. Desde os primórdios da civilização a técnica foi usada pelo homem dentro de sua cognição e mediou sua interação com o mundo. Mas “ao dissociar o mundo da cultura humanista com o mundo da cultura científica” (p. 229) criou-se espaço que ultrapassou os limites da técnica. A tecnologia coloca o homem em situação de lidar com uma “caixa preta⁸” (Flusser, 2011). O homem usa a tecnologia como um usuário, um funcionário, explica Flusser. Dessa forma está vulnerável, mesmo que se torne um especialista no uso da tecnologia. Alás, para Flusser (2011) isso é o que torna o “funcionário” valioso. Mas, trata-se de uma hipersimplificação daquilo que é complexo. Limita a percepção de como os temas se interconectam e as restrições à que se está submetido. Torna menos visível a importância da sensibilidade humana e dos sentidos na comunicação.

Essas explicações teóricas auxiliam no entendimento da modelagem cultural que é permeada pela linguagem e pelo uso de aparatos tecnológicos que limitam o homem à condição de “funcionário” da tecnologia. Tudo parece simples, mas oculta a complexidade e está presente na noção de “progresso”. Encontra-se na educação e principalmente na mídia. Na cena citada do filme há a participação da mídia impressa com o livro de estória que transmite um discurso e uma de visão de mundo.

O advento da eletricidade permitiu o desenvolvimento de diferentes tecnologias e a produção em série. As máquinas ficaram mais rápidas e mais autônomas. O homem passa a acompanhar o tempo dentro de uma outra lógica, relacionada com uma cronologia do ritmo das máquinas. Isso é tão importante que faz entender que o homem não tem autonomia frente a cultura. As implicações desse resultado no uso do tempo e espaço o distanciam do que seja o real, uma vez que, diferentes processos deixam de ser conhecidos. As pessoas tem o contato final

8 Flusser, Vilém. (2011) A filosofia da Caixa Preta. São Paulo: Annablume.

de uma extensa cadeia logística da qual não tem qualquer apropriação. Vão sendo estabelecidas novas relações de sentidos e valores. Mudanças significativas ocorrem nas interações sociais. A educação assume um papel de modelagem do comportamento, dirige a atenção para adequar a essa nova relação social, quando deveria instigá-lo a compreender a necessidade de outros saberes e a contextualização complexa dessa ambiência.

Os meios de comunicação ocupam um importante tempo da vida das pessoas e estabelecem uma percepção seletiva, principalmente visando o consumo. “Consumo imaginário provoca um aumento da procura real, das necessidades reais (elas mesmas cada vez mais embebidas do imaginário, como as necessidades de padrão social, luxo, prestígio)” (Morin, 1997, p. 168-169) Aquilo que não está sob a luz da mídia estará esquecido na sombra, relevado. Os conteúdos que interessam aos que tem o poder sobre a mídia, ocupam as mentes entretidas. O entretenimento é uma forma de distração. Pessoas distraídas ao invés de ocupadas na compreensão do que lhes afligem tornam-se menos participativas. Sem o fortalecimento comunitário é mais complicado organizarem-se para uma ação no mundo. Nesse contexto é possível dissimular o real. Morin (1992) propõe que se dialogue e que não se ignorem os problemas. Porque, essa ignorância irá representar um distanciamento das necessidades humanas e das interações sociais. A visão de mundo transmitida pela mídia é tão sobrepujante que Contrera a denominou de Mediosfera. Esse conceito está relacionado com a retroação do imaginário cultural, sobre a sociedade que a mídia vai promovendo em termos de um esquecimento das origens.

4. Mediosfera

Dentro da visão de noosfera de Morin, Contrera (2010) analisa que a importância dos meios de comunicação de massa se destaca de forma tão significativa a ponto de constituir o que essa autora denomina de Mediosfera. A ação da mídia é no sentido de se sobrepor, de tal forma que promove um esvaziamento, uma atrofia da participação dos outros elementos simbólicos dessa dimensão.

É preciso reiterar que não estamos propondo que a Mediosfera seja uma esfera à parte da Noosfera, mas que, como um núcleo no âmago desta, cresceu e inflou titanicamente de modo a vampirizar aos poucos a energia dos outros conteúdos da

Noosfera, pressionando os limites da primeira por dentro. A analogia com um tumor pode ser de mau gosto, mas parece bem real. (p. 57)

No caso específico da cena do filme do diretor León de Aranoa, destaca-se a mídia impressa representada pelo livro de histórias que o personagem está lendo, a película do filme como suporte de imagens e sons, bem como o suporte Internet onde se pode acessar as cenas e assistir a esse *trailer* do filme.

Conforme esses autores, os suportes midiáticos são a base para os conteúdos que traduzem modelos de entendimento de mundo, permeiam a cultura, estabelecem novos rituais, muitos deles desconectados de sentidos. Em um dos exemplos citados nesse filme, o encontro dos amigos no bar se constitui como um ritual que repetem seguidamente para poderem se ouvirem e ajudarem mutuamente. No entanto não é suficiente, parecem sedados para reagirem ao que os envolve.

Como é possível entender de acordo com os autores considerados, os meios de comunicação ao ocuparem um grande espaço de tempo em entretenimento na vida das pessoas promovem uma abstração. Dessa forma, frente aos desafios sociais as pessoas se encontram sedadas e amoldadas. Isso dificulta a adoção de soluções mais adequadas à realidade.

Contrera entende que a super valorização dos conteúdos da mídia se contrapõe ao entendimento do que representam as diferentes formas de violência a que os indivíduos estão expostos. Para essa autora, se relaciona com a perda da função simbólica e a crise de sentidos gerada por um esvaziamento do imaginário. Em diferentes meios de comunicação assuntos importantes são tratados de forma rasa e previsível. Essa percepção corrobora a visão de Flusser (2011) relativa à escalada da abstração. Escalar aqui não significa subir e sim um direcionamento para a “não coisa” e para a ausência do corpo. Para esses autores, o uso intensificado da tecnologia tem sido preponderante para haver uma hipersimplificação da complexidade dos fenômenos sociais e dessa forma abstrair a atenção do real. Há uma validação dos conteúdos mediáticos de forma certificadora, por um domínio vertical de poder de seleção sobre o que deve aparecer e o que não terá luz. Abstrair significa também subtrair, neste caso da condição humana de comunicação a oportunidade de empoderamento de âmbito pessoal, social e comunitário. Apenas apontar para um fenômeno sem dar estrutura ao que ele representa não é suficiente para gerar consciência e promover a estruturação das ações no mundo.

Considerações finais

Neste texto analisou-se como a cultura permeia todos os níveis da existência humana e que o homem não tem autonomia em relação à cultura. Considerando isso, para esta reflexão foi trazida a cena do filme do diretor Fernando León de Aranoa, em que há a leitura da fábula *A Cigarra e a Formiga* e a indignação do personagem adulto frente ao conteúdo da estória. Este exemplo é analisado em relação a uma visão crítica fundamentada no conceito de noosfera de Edgar Morin e de mediosfera de Malena Segura Contrera.

Ficou evidenciada que a participação dos meios de comunicação dentro da dimensão definida como noosfera tem um papel de grande relevância e de tal modo que é sufocada pela mediosfera. Interação social não é o mesmo que a interatividade promovida pelos meios de comunicação. Interação ocorre em relação às pessoas e seus respectivos corpos e mentes, usando dos diferentes sentidos humanos. A mediação por aparatos tecnológicos está relacionada à ordem do uso de máquinas, da tecnologia e da abstração, uma vez que, limita o homem em relação ao uso de suas potencialidades. Conforme foi possível refletir essa abstração está relacionada com “caixas pretas”, tornam o homem um usuário do sistema e sem autonomia, sem a dimensão da real complexidade. Dessa forma a percepção do real está reduzida e limitada.

A reflexão aqui ensejada em relação à cena do personagem no filme diz respeito a uma pessoa com uma percepção crítica da realidade, uma reação ao modelo de acultramento proposto pela estória da fábula. Mas ao mesmo tempo, dentro de seu contexto de vida, alguém que se encontra submetido a um enraizamento e aos códigos sociais, com dificuldade para reagir e para ajudar seus ex-colegas a reagirem à situação de desemprego em que se encontram.

A educação e os meios de comunicação foram observados neste estudo como uma forma de conformação social. O papel da educação e da mídia seria esperado como recursos para ajudarem as pessoas a questionarem e se ajudarem frente às limitações dentro desse modelo de sociedade hipercomplexa. Entretanto, com a simplificação dos fenômenos escondem-se as reais necessidades, não se propiciam as relações sociais com a participação dos diferentes sentidos humanos. Ao contrário do que seria importante para a interação entre as pessoas, o que se promove é a interatividade mediada por aparatos tecnológicos que possuem suas respectivas limitações e condições para o uso. Quanto mais as pessoas se tornam especialistas no uso da tecnologia mais condicionadas se encontram e sujeitas aos déficits em relação às necessidades e à integralidade na comunicação humana.

Conseguir se indignar frente a determinados fatos pode significar uma expansão da percepção para outros contextos e permite analisar diferentemente algumas circunstâncias. A indignação pode ser uma centelha, um primeiro passo em direção a mobilizar o comportamento. No caso desse personagem do filme, ele ainda não consegue usar de sua percepção para beneficiar sua condição de vida e a de seus ex-colegas. Cabem ainda outras análises sobre a dificuldade que apresenta em não conseguir imprimir em sua vida mudança que aproveite essa capacidade de perceber diferente da maioria das pessoas. O senso comum quando oculta ou simplifica demais questões de natureza complexa merece atenção, o que pode representar novas possibilidades de encontrar soluções e alternativas. O ser humano é permeável às influências, principalmente as crianças. Contribuir para a compreensão de como se conjugam diferentes contextos, como se articulam as ideias, tecem-se os pensamentos, implica em promover uma existência com formação social crítica.

Bibliografía

- Aranoa, F. L. (Diretor). (2002). *Los Lunes al Sol* (Segunda-Feira ao Sol). DVD. Espanha.
- Contrera, M. S. (2010). *Mediosfera: Meios, Imaginário e o desencantamento do mundo*. São Paulo: Annablume.
- Duran, G. (1993). *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70.
- Flusser, V. (2011). *A filosofia da Caixa Preta*. São Paulo: Annablume.
- Morin, E. (1992). *El Método IV – As idéias – Su hábitat, su vida, sus costumbres, su organización*. Madrid: Editora du Seuil.
- Morin, E. (1997). *Cultura de massas do século XX – o espírito do tempo 1 - Neurose*. São Paulo: Editora Forense Universitária.
- Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: UNESCO.
- Vygotsky, L. S. (2002). *Pensamento e Linguagem*. Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores.